

Revista de Comunicação Científica: RCC



ARTIGO

O GRAFISMO CORPORAL DO POVO MĚBĚNGÔKRE

The people's body graphics MĚbĚngôkre

Gráficos corporales de la gente MĚbĚngôkre

Paimu Txucarramae

Mestrando do Programa de Pós Graduação
Stricto Sensu Mestrado Profissional em Ensino e
Contexto Indígena Intercultural - UNEMAT.

E-mail: paimutrumai@gmail.com

Maria Eliza Leite

Educadora e socióloga, coordenadora do Projeto
de pesquisadores MĚbĚngôkre Panara e
Tapayuna – FUNAI e Instituto Raoni.

E-mail: me.leite@gmail.com

Como citar este artigo:

TXUCARRAMAE, Paimu & LEITE, Maria Eliza. O
grafismo corporal do povo mĚbĚngôkre In
Revista de Comunicação Científica – RCC,
Set./Dez., n. 09, pgs. 70-80, 2021. ISSN 2525-
670X.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume I, número 9 (2021)
ISSN 2525-670X

O GRAFISMO CORPORAL DO POVO MËBÊNGÔKRE

The people's body graphics Mëbêngôkre

Gráficos corporales de la gente Mëbêngôkre

Resumo

O texto “O grafismo corporal do povo Mëbêngôkre” trata da importância das práticas de grafismo que o povo Mëbêngôkre mantém na atualidade, desde os tempos ancestrais. Destacam-se, neste trabalho, os diferentes tipos de grafismo que são aplicados no corpo das pessoas de ambos os gêneros sexuais e em diferentes idades. Este artigo tem o objetivo de mostrar, com detalhes, as diferentes práticas relacionadas à arte do grafismo, principalmente a arte desenvolvida pelas mulheres do povo Mëbêngôkre, e os recursos naturais necessários para realizar essas pinturas.

Palavras chaves: Grafismo, Cultura, Gêneros Sexuais.

Abstract

The text “The body graphics of the Mëbêngôkre people” deals with the importance of the graphics practices that the Mëbêngôkre people maintain today, since ancient times. This work highlights the different types of graphics that are applied to the bodies of people of both sexes and at different ages. This article aims to show, in detail, the different practices related to the art of graphics, especially the art developed by the women of the Mëbêngôkre people, and the natural resources needed to make these paintings.

Key words: Graphics, Culture, Sexual Gender.

Resumem

El texto “Los gráficos corporales del pueblo Mëbêngôkre” trata sobre la importancia de las prácticas gráficas que el pueblo Mëbêngôkre mantiene hoy, desde la antigüedad. Este trabajo destaca los diferentes tipos de gráficos que se aplican al cuerpo de personas de ambos sexos y de distintas edades. Este artículo tiene como objetivo mostrar, en detalle, las diferentes prácticas relacionadas con el arte de la gráfica, especialmente el arte desarrollado por las mujeres del pueblo Mëbêngôkre, y los recursos naturales necesarios para realizar estas pinturas.

Palabras clave: Gráfica, Cultura, Género Sexual.

Introdução

O grafismo corporal do povo Mëbêngôkre é uma pintura praticada frequentemente em diversos momentos, principalmente nos rituais e em outros eventos importantes. Também pode ser utilizada no cotidiano. Neste artigo, fazemos uma abordagem sobre as principais práticas que continuam sendo utilizadas pelo povo Mëbêngôkre, desde o passado. O objetivo deste artigo é descrever os grafismos das pinturas corporais, além de outras formas de grafismo utilizadas pelo povo Mëbêngôkre em diferentes ocasiões.

O povo Mëbêngôkre surgiu na Terra quando uma parte dele desceu do céu. Segundo o mito contado, naquela época, todos viviam no céu, até que dois caçadores seguiram rastros de tatu, que os levaram até uma cova. Então eles resolveram cavar mais fundo, para encontrar o animal. Continuaram a cavar e de repente, vararam com o cavador a cobertura do céu. Aproximaram-se então para ver o buraco, então através do buraco, viram a Terra embaixo, com sua beleza e riquezas de árvores frutíferas. Eles foram para a aldeia e contaram para todos, que resolveram descer para a Terra. Juntando todo algodão encontrado na aldeia, fizeram uma corda grossa. Amarraram numa árvore do céu, atirando a outra pelo buraco abaixo.

Os mais corajosos conseguiram descer para a terra, e os medrosos desciam um pouco, logo perdiam coragem e voltavam a subir pela corda. Por fim, uma parte ficou definitivamente no céu e recolheu a corda. Os que desceram para a Terra, ficaram separados em dois grupos. Na Terra, os dois grupos Mëbêngôkre começaram a viver com sua cultura, tradição e falando sua língua, como no céu.

Para os mais velhos, no passado, todas as pessoas formavam um único povo, tinham mesma língua para se comunicarem entre si, a mesma cultura, o mesmo modo de viver, até que em um determinado momento eles cortaram o tronco de uma grande árvore de milho, sagrada para nosso povo. Quando a árvore caiu, o povo começou a se desentender e não podia mais se comunicar, porque cada grupo começou a falar uma língua diferente. Por conta disso, é que dá para entender mais ou menos a língua de alguns povos enquanto de outros é impossível entender

alguma palavra. E é assim como conta a história que envolve o milho sagrado que os Mëbêngôkre explicam a origem dos povos indígenas.

O povo Mëbêngôkre conhecido mundialmente como Kayapó, pertence à família linguística Jê, e seu território, demarcado e homologado, fica nos estados do Mato Grosso e Pará: Terra Indígena Kapoto-Jarina, Terra Indígena Mekragnotire, Terra indígena Kayapó, Terra indígena Badjonkôre e Terra indígena Baú. Ao todo constituem um território extenso, que abrange a região sul do estado do Pará e norte do Mato Grosso. Os Kayapó somam uma população de aproximadamente 9.000 pessoas (DSEI Kayapó MT e PA). A aldeia Kapôto está localizada na Terra Indígena Kapôt-Jarina, no município de Peixoto de Azevedo, com uma população de aproximadamente 600 pessoas, sendo mais de 120 famílias.

Apesar do contato intenso com a sociedade nacional, o povo Mëbêngôkre continua praticando a maioria de seus rituais e cerimônias da cultura tradicional. Existem vários tipos de pinturas que o povo Mëbêngôkre usa entre pessoas e grupos de pessoas, específicos para cada festa. Cada pintura tem um desenho próprio e um significado.

Práticas culturais do povo Mëbêngôkre

Existem muitas práticas culturais que os Mëbêngôkre continuam praticando. A língua materna é a língua de comunicação entre os membros da comunidade, as inúmeras cerimônias que continuam a ser praticadas, os homens continuam a fabricar e usar a maior parte dos utensílios e armas de caça e pesca, as mulheres continuam fabricando enfeites de algodão e miçanga, sendo que as miçangas já se tornaram parte da nossa cultura. As caçadas coletivas de jabutis continuam a ser realizadas antes das cerimônias, assim como os cantos e danças, tradicionais, a pescaria coletiva com timbó e as roças tradicionais.

As práticas culturais estão se mantendo vivas devido à grande preocupação dos mais velhos, onde eles pedem aos mais jovens que mesmo interagindo com a cultura ocidental, não deixem de aprender e participar das práticas culturais do seu povo e manter a cultura.

Mito do surgimento da pintura corporal do povo Mëbêngôkre

O mito contado pelo povo Mëbêngôkre sobre a descoberta da produção de tinta de jenipapo conta que esse conhecimento se desenvolveu quando ocorreu um conflito entre dois Mëbêngôkre, onde o guerreiro Krãkamdjwa fez a família correr para a mata. Em um determinado momento, a mãe pediu para um dos seus filhos para que tirasse umas frutas de jenipapo para ela fazer pinturas neles. Então o filho subiu num pé de jenipapo e tirou a fruta de jenipapo para sua mãe. Sem consultar sua mãe sobre como preparar o jenipapo para fazer a pintura, uma de suas filhas pintou seu corpo todo e se transformou em macaco.

Mas a mãe preparou corretamente o jenipapo, ela descascou com seus dentes e misturou com carvão, pintou uns dos seus filhos, e assim ela descobriu a pintura com jenipapo. Depois disso, as pinturas vêm surgindo na criatividade da arte, em pinturas corporais diferentes, sendo que cada uma representa um animal. Foi assim que esta mulher descobriu a arte do grafismo corporal e o povo Mëbêngôkre passou a utilizar para embelezar seus corpos.

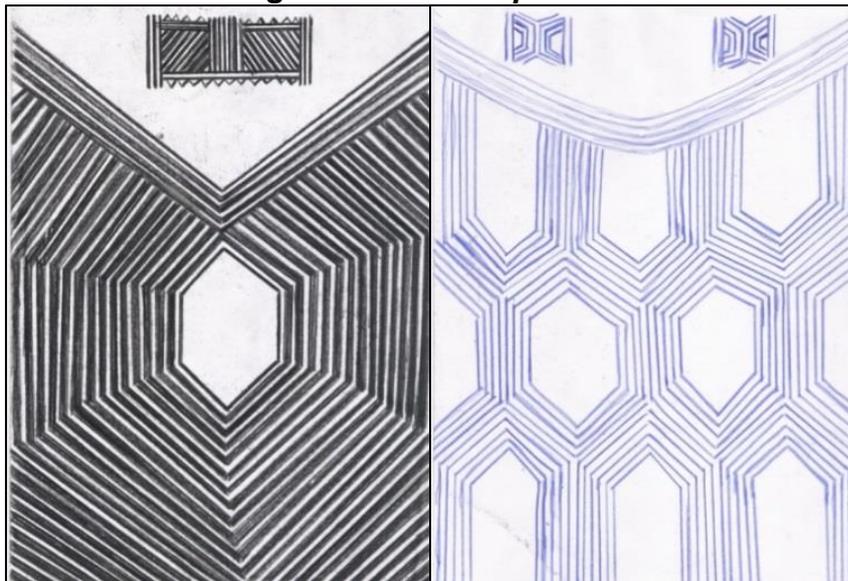
Grafismo corporal

As pinturas corporais que o povo pratica no cotidiano da aldeia têm o objetivo de manter a beleza entre as pessoas e manter a cultura. As pinturas geralmente são aplicadas no rosto, no corpo inteiro da pessoa, no peito, nos braços e nas pernas.

Existem diferentes motivos e ocasiões para cada pintura, que também é uma forma de socialização entre as pessoas e de comunicação. Quando olhamos para uma pessoa pintada com uma determinada pintura, sabemos se ela é criança, jovem, ou se é uma pessoa adulta, por exemplo. Existem pinturas específicas para as mulheres, crianças, homens e velhos.

O grafismo é uma de arte inspirada em determinados animais como cobra, jabuti e alguns peixes. As mulheres Mëbêngôkre são as principais responsáveis pelas pinturas dominando as técnicas de realizar a pintura com um tipo de pincel de casca de palmeira bacuri. O desenho a seguir, mostra a pintura do jabuti (*kaprã'n'ók*).

Fig. 01: Pintura *kaprân'ôk*



Fonte: Desenho retirado do livro sobre pinturas corporais, em processo de elaboração, desenvolvido pelo Projeto de Formação de Professores para o Magistério Mëbêngôkre, Panará e Tapayuna Goronã.

Mas antigamente e em certas ocasiões que ocorrem até hoje, os homens também se pintam uns aos outros, utilizando certos motivos de pinturas aplicadas no corpo com as mãos e com carimbos feitos do próprio jenipapo, onde são esculpidos os desenhos. O grafismo exige tempo e trabalho. As mulheres Mëbêngôkre levam aproximadamente 3 horas fazendo a pintura. Na foto abaixo, que mostra uma mãe pintando seu filho, observa-se a simetria e a complexidade do grafismo.

Fig. 02: Grafismo aplicada em uma criança Mëbêngôkre



Fonte: Site, Associação Floresta Protegida-Kayapó-Pará

Paimu Txucarramae; Maria Eliza Leite

Esta pintura *kaprãn'ôk* é umas das pinturas que as meninas de 9 a 11 anos aprendem. É nessa idade que as meninas começam a aprender com suas mães, avós ou tias. Este grafismo corporal nas crianças é considerado como uma forma de dar carinho aos filhos, ou seja, as mães estão cuidando e demonstrando amor aos seus filhos. A pintura pode durar de 8 a 10 dias, de acordo com sua lavagem. Quanto mais a pessoa lavar a pintura, mais rápido a tinta de jenipapo pode sair do seu corpo.

Recursos naturais utilizados nas pinturas

A época do início da chuva é o melhor período para coletar as frutas de jenipapo para preparar a tinta. As frutas precisam estar verdes, quando o jenipapo amadurece não é mais possível utilizá-lo para pintar.

Para que o jenipapo se transforme em tinta preta, precisa ser misturado a um carvão específico extraído da casca de árvore (*bàriprà*). A casca é colocada numa fogueira e depois misturada com a parte interna da fruta de jenipapo e um pouco de água para ficar líquido.

É necessário também preparar um pincel, que é feito pelas mulheres, tirando um pedaço da casca de palmeira bacuri (o nome científico é *platonias insignis*), como uma varinha com uma ponta fina, que será o um tipo de pincel utilizado para fazer a pintura.

Fig. 03: Mistura de carvão e jenipapo



Fonte: Imagem tirado de internet (como-se.blogspot.com)

Grafismo para rituais

As pinturas com pincel geralmente são feitas quando está se realizando as festas e rituais mais importantes de nomeação das crianças e jovens. Nas principais festas e cerimônias, todos devem estar pintados com grafismos feitos com o pincel da palmeira bacuri, que são as pinturas mais valorizadas. As pinturas feitas com pincel também podem ser utilizadas fora do momento da festa, principalmente nas crianças, pois manter a criança pintada é uma forma das mães expressarem e demonstrarem o amor e carinho por seus filhos.

Nos dias de hoje os jovens da nova geração vêm usando a pintura em outro momento importante, nas cerimônias de formatura, por aqueles alunos que completaram sua formação de ensino médio ou graduação, seja na aldeia ou na cidade, que decidem receber seu diploma com uma pintura de pincel. Isso mostra a valorização dos jovens em relação à cultura Mëbêngôkre, usando a pintura quando recebem seu diploma, um momento que mostra que o jovem adquiriu conhecimentos também no contexto da sociedade ocidental, unindo assim os dois mundos. Como Vidal nos diz:

A obra de arte faz parte da história e das experiências atuais de uma sociedade: sua especificidade, autonomia e seu valor estético não se separam absolutamente das outras manifestações materiais e intelectuais da vida humana. (2007, p. 17).

Para que as pinturas de grafismo Mëbêngôkre continuem sendo transmitidas, as lideranças, comunidades e professores idealizaram produzir livros didáticos sobre as diferentes pinturas corporais com seus determinados nomes. Este livro, iniciado no Projeto de Formação de Professores Mëbêngôkre, Panara e Tapayuna para o Magistério, está em processo de finalização de sua produção. Portanto, o livro pode contribuir para que as futuras gerações possam conhecer e utilizar aquelas pinturas que estão deixando de ser realizadas pelas mulheres e os jovens não chegaram a conhecer.

Considerações finais

O presente artigo nos possibilitou aprofundar a prática de grafismo corporal do povo Mëbêngokre, mostrando que o povo Mëbêngokre mantém a sua tradição e suas práticas culturais e a importância do grafismo para a valorização e continuidade de nossas tradições.

Foi possível ter um panorama sobre as técnicas utilizadas pelas mulheres Mëbêngokre e das possibilidades de produção de livros didáticos sobre pinturas corporais, que podem estar sendo trabalhados dentro da escola, sendo uma alternativa para a revitalização de algumas pinturas com grafismo, para que se tornem conhecidas e praticadas pelas alunas e alunos.

Outro conhecimento importante, é a preservação e o manejo dos recursos naturais que são utilizados nas pinturas, que precisam ser preservados, para que as futuras gerações possam continuar desenvolvendo as práticas culturais ancestrais do povo Mëbêngôkre.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. A marca dos tempos: identidade, estrutura e mudança entre os Asurini do Trocará. In: VIDAL, Lux. **Grafismo indígena: estudos de antropologia estética**. São Paulo: FABESP, 1992.

BANIWA, G.L. Proteção e fomento da diversidade cultural e os debates internacionais. In: **Diversidade cultural brasileira**. Belém: Casa Rui Barbosa, 2005.

CARELLI, V. Trabalho e lazer. In: **Índios no Brasil 1**. Secretaria de Educação a Distância, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, SEED; SEF, 2001.

COSTA, Maria Heloisa Fénelon. **Padrões de pintura corporal - Capítulo- VI. - O mundo dos Mehináku- e suas representações visuais**. FUNAI: Brasília, 2012.

DE PAULA, L. R. **Dinâmica faccional xerente: espera local e processos sociopolíticos**. Departamento de Antropologia da FFLCH. USP: Dissertação de Mestrado, 2000.

ERMEL, P.B. **O Sentido mítico do som:** ressonância estética da música tribal dos índios Cinta-Larga. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de estudos de pós-graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1988.

FRANCHETTO, B. Povos, aldeias, histórias e culturas. In: **Índios do Brasil 2.** Secretaria de Educação a Distância, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, SEED; SEF, 2001.

FREIRE, J.R.B. **Patrimônio cultural indígena.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

GRUPIONI, L.D.B. Livros didáticos e fontes de informação sobre as sociedades indígenas no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes e BENZI, Luís Donizete. **A temática indígena na escola:** novos subsídios para professores de primeiro e segundo graus. 2. ed. São Paulo. Global. Brasília. Mec, Unesco, 1998.

ÍNDIOS DO BRASIL. (Org.) Luís Donisete Benzi Grupioni. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1994.

LAUDATO, Luís. **Yanomami Pey Këyo:** o caminho Yanomami/ Luís Laudato-Brasília: Universa, 1998.

LO CURTO, A. **Asurini, Glai Artisti Della Giungla.** BSI: banca della Svizzera italiana, 1993.

LOUREIRO, V.R. **Amazônia:** estado, homem, natureza. 2. ed. Belém: Cejup, 2004.

MANZATTI, M. **Arte com história.** São Paulo: 2006. Disponível em <<http://www.overmundo.com.br/perfis/marcelo-manzatti>>. Acesso em 25 set. 2012.

MÜLLER, R.P. **Os Asurini do Xingu:** história e arte. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

MÜLLER, R.P. Tayngava, a noção de representação na arte gráfica Asurini do Xingu. In: VIDAL, Lux. **Grafismo indígena:** estudos de antropologia estética. São Paulo: FAPESP, 1992.

MÜLLER, Regina. **Polo Ritual da imagem:** Arte Asurini do Xingu. (s.a).

MUSEU DO ÍNDIO/FUNAI. **Índios da América do sul:** Brasil - aspectos sociológicos. Museu do Índio/ FUNAI: Brasília, 2009.

RIBEIRO, Darcy. **Diários Índios:** ou Urubus-Kaapor. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

SARACENI, Rubens. **Arquétipos da Umbanda.** Madras Editora, 2007.

O grafismo corporal do povo Mëbêngôkre

SUMA ETNOLÓGICA A BRASILEIRA. Edição atualizada do **Handbook Of South American Indians**. 2. ed.. FUNAI: Brasília, 2012.

VIDAL, Lux. **GRAFISMO INDÍGENA**. Estudos de antropologia estética. 2007.

Recebido: 24/07/2021

Aprovado: 29/07/2021

Publicado: 01/09/2021